

## ***Co ivi guerecô iara, em nome dos pais dos filhos e da tradição: a conquista do rural e a região criada***

FREITAG, Liliane da Costa.

Esse texto tem como personagem a região e certas práticas lhe dão sentidos. Recorremos ao imaginário geográfico acerca da conquista do que é reconhecido pela historiografia paranaense como Campos de Guarapuava. Destarte as regiões não se apresentam como algo exterior a uma linguagem que as definem. Porém, os homens em seu tempo criam a materialidade dos lugares assim como os conceitos inventam regiões. A cidade, o campo, o urbano, o rural, a fábrica, o museu, a clínica, a fronteira, as territorialidades, são resultantes de práticas de poder, sociabilidades e mesmos da plenitude de nossas “identidades em conjunção”, para usar do termo de Mary Louise Pratt. Todos aqueles, são lugares-mundo, criados e que constituem a comunidade imaginada que um dia foi chamada Brasil. Que ações deveriam ser consideradas na criação da Nação? Lembrando que o Estado se fez através do poder a ele delegado por grupos sociais ligados a terra e ao escravismo. Esses endossaram as funções administrativas como também àquela função de constituir a forma e o conteúdo da jovem nação nascida do evento de 1822. Antes desse evento, interesses escravistas buscaram assegurar a legitimidade das terras da América Portuguesa através de movimentos de conquista do espaço impondo-lhe uma nova forma de re-ocupação.<sup>1</sup> Pressuposto que avança demonstrando a complexidade que cerca a historia territorial brasileira<sup>2</sup>. Nas re-ocupações os sujeitos se re-inventam assim como os eventos políticos também reinventam atos de fundação quando rememoram o certo passado (rural ou

---

<sup>1</sup> Cconceito que já revisei, e que se expandiu compreendendo as conquistas e os controles da terra por diferentes grupos, não excluindo, portanto, ações práticas e também simbólicas levadas a termo pelas populações indígenas, e também daquelas conhecidas na contemporaneidade como terras quilombolas.

<sup>2</sup> Para tanto não há como fugirmos ao tema territorialidades posto que as marcas simbólicas de territorialidades da existência a região e, por sua vez, um universo identitário não homogêneo. Essa linha de interpretação recorre a vertente cultural-simbólica proveniente da chamada geografia cultural. Ao privilegiar o campo das representações, volta seu olhar as identidades sociais. Pouco difundida., porém, nas últimas décadas o campo da antropologia cultural, na mesma linha de análise da sociologia interpretativa de Bourdieu (1989) vem se preocupando com a construção de uma leitura simbólica do espaço. Essa abordagem destaca que não são as características físicas de um território que o determinam enquanto tal, mas sim seus significados. Segundo essa análise, território é um espaço socializado e culturalizado. A fronteira, por sua vez, deixa de ser uma linha de fratura, que separa identidades, para se transformar em espaço híbrido pela imbricação de culturas. (HAESBAERT, 2006; ALMEIDA; RATTS, 2003; SACK, 1986).

urbano) e constroem monumentos em homenagem a seu panteão cívico. Ao considerarmos essas questões, podemos dizer que rural é um conceito ou uma categoria produtora e produzida em sua singularidade. Pensar dessa forma, é ir ao encontro as relações que produzem os sentidos atribuídos a região. Podemos avançar nesse debate a partir da seguinte indagação: como as regiões foram e são inventadas entre nós? A partir de que lentes interpretativa concebemos a história territorial brasileira? A história territorial se organiza pelas práticas da memória, do Estado, do homem do e da mulher do campo e daqueles que vivem na cidade, em latifúndios (sejam eles proprietários, posseiros ou agregados). Esta história se organiza pelas práticas literárias, sociológicas ou geográficas. Quem sabe, cabe a nós (des)organizarmos e recolocar a dúvida nos diversos saberes que cercam o entendimento das construções de regiões: rurais ou não, mas sobretudo colocarmos em dúvida os vários entendimentos de conquista do espaço para a nação brasileira.

Nesse alinhamento se insere o nosso trabalho de interpretação do significado que a categoria Campos de Guarapuava assumiu em uma dada prática discursiva eleita como legítima, que visa afirmar ações ditas civilizatórias do Estado no século XVIII e das estratégias que a recém criada América Portuguesa estabeleceu para levar a cabo tais intentos. Ressaltamos discursos nascimento de uma terra nascida sob a égide do latifúndio (ordeiro), digo, campeiro. Tal idéia é recolocada no periódico *Revista Guairacá*, no período analisado entre 1982 - 2007<sup>3</sup>.

No periódico encontram-se genéricas tais como: “conquistadores de terras bravias.” Predicado essencial de práticas significantes, orientadas para a formação de uma identidade ruralista latifundiária criando o referencial que alimenta certo discurso para a coletividade na contemporaneidade. Pretendemos ao final, demonstrar que a interpretação do ato Ocupação dos campos de Guarapuava é um trabalho de criação e, o conceito que esta ação adquiriu é um objeto que merece ser indagado e, sua existência ainda hoje naturalizada, merece ser colocada suspeita. Não obstante, a região, Estado do Paraná, antiga Comarca de São Paulo é uma criação jurídico política datada de 1853, por ocasião da emancipação daquela Província<sup>4</sup>. Além dessa porta de entrada, a

---

<sup>3</sup> Estudo realizado por Bruna Silva sob minha orientação no período de 2008 a 2010. Da pesquisa nasceu o artigo denominado **Região e tradição editadas**: o lugar da Revista Guairacá na reafirmação do passado. Unicentro, 2010.

<sup>4</sup> Um exemplo político é legislação que cria a Comarca de Curitiba esta área: A Carta Régia de 1º de abril

cartografia, os enunciados, a literatura, a história escrita, a memória, as práticas de re-ocupação da terra,

Aquele que se coloca diante da porta de entrada da antiga “Freguesia de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava,” que um dia passou se chamar Guarapuava, cidade localizada no centro-sul do Paraná poderá vislumbrar a imagem insigne de um sujeito em uma postura altiva disposto em um cavalo: re-apresentação que muito próxima da postura heróica de D. Pedro I na pintura de Victor Meireles quando da representação do ato da Independência do Brasil. Esse e outros monumentos espalhados naquela localidade aparentam sintetizar uma história que inspiram narrativas idílicas e que teimam em não descortinar o véu que “cobre o ínfimo, o triste, o abandonado, o infame, o chão”, conforme destacado por Albuquerque (2009).<sup>5</sup>

A imagem monumentaliza certa verdade de região em imagens edificadas em locais de visibilidade pública. Imaginário dessa envergadura vem sendo alimentado por memorialistas e diletantes da história daquela localidade cidade localizada no centro-sul do Paraná. A Carta Régia datada de 1809 determinava a absorção dessa extensão de terras, ato político que afirmava domínios territoriais aquele espaço rural, suposta terra improdutiva e vazia. Implantava-se nesse evento certa ação civilizadora sobre as populações indígenas que resistiam longamente a ocupação de seu bem comum, - a terra e as territorialidades nela impressa nas suas práticas sociais e naquelas de seus antepassados. Encontro conflitivo e trágico, haja vista o extermínio de milhares de índios e o cativo destes e também das inúmeras mortes sofridas por parte do grupo que compunham as chamadas bandeiras. Embate que pôs em contato culturas radicalmente diferentes, operação que ressignificou e mimetizou valores, recriou

---

em de 1809, estabelece limites políticos-geográficos. De acordo com o referido documento, os limites daquela localidade estendiam-se até a margem dos rios Paraná e Uruguai. In: **BRASIL**. Carta Régia de 1º de abril de 1809. Nesses termos uma fronteira foi criada enquanto uma ação arbitrária política em que concorreu para novas teias de relações sociais, culturais e de poder. Destaca-se nessa direção, as contribuições de Cheasneaux (1981). E, muito embora processos econômicos também constroem regiões, supostos espaços com linhas que demarcam separação, comungamos com as análises de Bourdieu (1989) quando destaca o vínculo existente entre região e identidade. Interpretações reduzidas a dados objetivos tais como fenômenos físicos, não dão conta da complexa rede de saberes que também podem dar a luz a regiões.

<sup>5</sup> Dentre os depoimentos de apoio aquele ato, cabe destacar a idéia de história que impera naquelas Instituições lá representadas: “Esses registros são importantíssimos, porque um povo somente sabe como seguir em frente, sabendo o que foi no passado” <http://www.redesuldenoticias.com.br/noticia.aspx?id=34078>

códigos de comportamento e sistemas de crenças, sem falar na “miscigenação étnica”, outrora chamada de “miscigenação racial.” Vainfas (1999).

.Neste texto identidade de região se revela na forma pela qual a re-ocupação é representada como uma conquista necessária para a nação em artifício <sup>6</sup>. Assim sendo, aquela investigação a quatro mãos do referido Periódico demonstrou a criação de um mundo rural circunscrito pelo silenciamento de conflitos em torno da terra. A coletividade dos textos analisados revelou um espaço simbólico que sustenta e reforça os silêncios que fundam a região pelas relações com certo passado da localidade de Guarapuava- PR, extensão do território reconhecido como Campos Gerais do Paraná. A crença de uma coletividade se materializa na mensagem impressa na e se estende ao título. <sup>7</sup>

Independente da expansão daquela Instituição de ensino Superior no campo dos saberes, a Revista Guairacá, nascida da conjuntura Institucional dos anos 1980, mantém as características da época e atualmente divide espaços naquela Universidade com uma gama de revistas científicas. A longevidade do referido periódico é assegurada no que identificamos como tradição Institucional. <sup>8</sup> Índícios desta tradição se fazem presente no texto que compõe o primeiro editorial no ano de 1982. Nele a Revista Guairacá destaca-se como veículo de transmissão cultural e profissional. Porém, entendemos que esse veículo nasce, sobretudo, de uma necessidade político-institucional de “[...] tornar público o que a Instituição vem desenvolvendo e o prestígio adquirido junto aos órgãos representativos [...]”. <sup>9</sup>

Observa-se na leitura do texto acima a busca da Instituição de Ensino Superior, na época, ainda, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Guarapuava – FAFIG, por visibilidade junto ao campo científico. Ser visível, marcando posição no meio

---

<sup>6</sup> Além da interpretação de proposta por Bauman (2005), convém ressaltar as contribuições de Ricoeur (1991), bem como reiterar que Bourdieu (1989) também se dedica ao tema identidade e as relações que essa possui com a construção de representações como porta de reflexão em discussões que envolvem o regional. Referimo-nos ao capítulo V da obra *O poder simbólico*.

<sup>7</sup> Os editoriais analisados no período de 1982 a 2007, foram 23. a periodicidade da publicação é anual. A esse trabalho, foi agregado a mensagem imagética da capa da Revista.

<sup>8</sup> O fomento para a publicação é proveniente da Fundação Araucária de Apoio ao desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná, que ampara a formação de recursos humanos no estado do Paraná. Seus recursos financeiros têm origem no Fundo Paraná, que destina 2% da receita tributária do Estado ao desenvolvimento científico e tecnológico. Desse percentual, até 30% são destinados à Fundação. (Fonte: <http://www.fundacaoaraucaria.org.br>).

<sup>9</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 1982 -

acadêmico, é parte da luta simbólica travada no interior deste campo. Ser visto é existir socialmente, e a existência da referida Faculdade passava pela editoração da Revista, assim, seria um “veículo da dinâmica das atividades” que reitera a busca por conhecimento e re-conhecimento dos seus gestores. A publicação delegaria visibilidade à Faculdade, entendemos, portanto, o esforço político Institucional em destacar a Revista como um espaço de saber acadêmico/científico e também como um lugar de divulgação do crescimento daquele lugar espaço acadêmico para o campo científico ao qual faz parte, e também, para a coletividade de seus leitores. Os idealizadores, por sua vez, reforçam essa questão utilizando-se de um discurso que propala o “[...] intercâmbio entre professores, acadêmicos e a comunidade guarapuavana, publicando seus trabalhos”.<sup>10</sup> Apesar da característica, o Periódico é concebido como “[...] publicação periódica mais ou menos especializada, [...] que contém ensaios, contos, artigos científicos etc [...]”.<sup>11</sup> A referida Revista, é também um lugar de efervescências de idéias, conforme exposto por Jean Fraçois Sirinelli no século XVIII.<sup>12</sup>

O primeiro editorial do ano de 1982, destacava a missão do impresso para , delegando-lhe um lugar especial junto a comunidade de guarapuava. O Periódico é caracterizado como sendo uma ferramenta de formação, “[...] mas também como instrumento de preservação cultural.”<sup>13</sup> Estas assertivas seguem sendo propaladas nas edições seguintes com poucas variações. Os editores seguem justificando a existência da Revista, seguindo a mesma lógica anterior: ou seja, “[...] dotar a comunidade docente e acadêmica de um instrumento que proporcionasse a seus integrantes a possibilidade de divulgar seus trabalhos e criações.”<sup>14</sup>

Notadamente nas origens do periódico estão os anseios dos gestores da Instituição em assegurar sua existência. Assim, a visibilidade é um atributo de existência cuja publicação do periódico são só afiançaria um espaço no rol da Academia, mas também, endossaria o projeto político daquele Estabelecimento de

---

<sup>10</sup> Referimo-nos ao coordenador, Raul José Sozim, aos redatores: Elisabeth Maria Ribas, Giocondo Fagundes e Dionízio Burak. Datilografia: Jamil Abdanur Júnior. Arte da Capa: José Luís Andrade Vigil. Cf.; REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 1982 -

<sup>11</sup> Cf.; LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História, dos, nos e por meios dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 139.

<sup>12</sup> O termo revista possui origem inglesa, *review* e data de 1705. Cf.: Paul Robert, *dictionaire*, p. 390.

<sup>13</sup> Editorial elaborado pelo coordenador, Raul José Sozim, Revista Guairacá, 1982.

<sup>14</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 1982 -

Ensino Superior ao longo do tempo, como foi possível constatar nas análises que se seguem a esta.

Outra matriz discursiva presente nos editoriais é aquele que ressalta adjetivos conferindo esforço aos discursos que propalam as benesses das “atividades de formação cultural e profissional” para a região. É interessante, destacar que atualmente, a essência do editorial se mantém, contudo, na medida em que a Instituição passa por processos de expansão a mensagem perpassada pelos editoriais incorpora outras nuances. Por conseguinte, as narrativas em prol da disseminação dos conhecimentos transmutam-se para demonstrações de orgulho pelos espaços conquistados desde o nascimento do periódico. É possível perceber no editorial de 1998, edição de número 14, um alargamento dos anseios por visibilidade intelectual e Institucional naquela conjuntura.

Os trabalhos publicados nesta Revista refletem o crescimento da própria Universidade no campo das pesquisas. O corpo docente da UNICENTRO, em crescente processo de capacitação, tem apresentado volumosa produção científica para a publicação em muitos outros veículos de disseminação, além de ter ampliado sua participação em eventos científicos. É natural que este crescimento deva ser partilhado com a comunidade acadêmica do Paraná e do Brasil, o que se torna possível com a publicação dos resultados.<sup>15</sup>

Comparando os editoriais dos anos de 1982 e 1998, respectivamente, temos no primeiro um discurso local destinado a “comunidade guarapuavana”, e no segundo, em 1998, os indícios de um alargamento de fronteiras geográficas do saber, na medida em que expressa intentos de disseminar o processo de crescimento Institucional com a “[...] comunidade acadêmica do Paraná e do Brasil”. Veja-se que no editorial de 1998 propalavam-se as concepções da Instituição, na época ainda com *status* de Faculdade, reforçando o “intercâmbio entre professores, acadêmicos e a comunidade guarapuavana, publicando seus trabalhos.”

Independente do passar do tempo, a tradição mantém e sustenta a publicação do periódico. Outra questão interessante é que a revista mantém seu aspecto folhetim posto que o editorial evidencie o “crescente processo de capacitação,” a “volumosa produção científica” e a ampliação “em eventos científicos.” O editorial de 2004, por sua vez, justifica a manutenção da periodicidade anual, e também explica a opção de manter-se

---

<sup>15</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 1998 -

conservado ao aspecto da exposição de textos de várias áreas do conhecimento. Por conseguinte, o editorial preocupou-se em enfatizar que “[...] a Universidade decidiu manter a revista Guairacá com suas características e objetivos originais.”<sup>16</sup> O autor do texto salienta que por longa data o periódico teria sido “[...] o único veículo de produções científicas da Universidade. Cabe destacarmos que naquela conjuntura, no início da década de 2000, o projeto da Universidade Estadual do Centro-oeste, antiga FAFIG, visava consolidação Institucional.”<sup>17</sup>

A legitimidade do periódico seguiu pautada, portanto, pelo pioneirismo da referida revista, assim sendo, (re)afirmada pelo passado e pelas suas origens. Portanto, o periódico em análise tem na tradição o porto que assegura sua longevidade independente das demandas do mercado científico.<sup>18</sup> O periódico é para nós, um porta voz legítimo de acontecimentos selecionados para marcar dado progresso que elevou a Instituição do *status* de Faculdade colocando-a no o rol das Universidades. Contudo, permanece a idéia de que a Revista Guairacá é dotada de uma missão, o que naturalizando sua existência. Assim sendo, esse meio de publicação vem possibilitando a:

existência de sistemas de comunicação, vinculados a processos ativos de persuasão, negociação, contestação e modificação, através dos quais observações e interpretações teóricas tendem a ser seletivamente construídas e re-construídas no campo científico. Os periódicos científicos são percebidos, portanto, como os veículos essenciais da comunicação acadêmica.<sup>19</sup>

Já em 2004, ano em que a Universidade completava seus 15 anos, o aumento da produção científica naquela Instituição. A narrativa rememora tempos difíceis, reafirma

---

<sup>16</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 2004 -

<sup>17</sup> A coordenação da Revista estava a cargo do Conselho Editorial, composto por Osmar Ambrósio de Souza (Presidente), Afonso F. Filho, Ana Lea M. Klosowski, Carlos de Bortoli, Mário U. Menon, Regina C. H. W. Padilha, Regina Chicowski, Valdir Casaca Aguilera Navarro e Waldemar Feller.

<sup>18</sup> A Revista a princípio aceitava qualquer artigo sem avaliação prévia, porém com o tempo adotou o programa de avaliação externa de consultores *ad hoc* bem como, o registro de ISSN que é um registro internacional para publicações seriadas. Passou a ter ficha catalográfica e um COED (Conselho Editorial). Passou também, por mudanças físicas, pois deixou de ser datilografada, hoje é diagramada em computadores que possuem avançados programas de diagramação, na Editora UNICENTRO, fruto também da necessidade de expandir o conhecimento, sendo assim a revista passou a ter um padrão com normas técnicas.

<sup>19</sup> MARGARETE, Lopes; PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as “margens”. In: *Estudos feministas*. Florianópolis. Disponível em, <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a13v12ns.pdf>> Acesso em 28 jul de 2010.

a labuta e dificuldades. A memória assim como colocada, enfocando uma trajetória de conquistas, assume o papel de legitimar um passado, mas, sobretudo, confirmar o presente como sendo uma conquista da coletividade.

Vinte cinco anos nos separam da primeira edição dessa revista inauguradora de um novo tempo. [...] anos de conquistas acadêmicas e de afirmação no meio universitário. Aquela faculdade isolada de outrora, que lutava para impor no cenário do ensino superior paranaense, que levava a comunidade às ruas para exigir autonomia e rebelar-se contra a ameaça de se tornar um campus; que se queria universidade, que acredita em seu próprio potencial e que tinha consciência [...] hoje é a Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, referência no Estado, que possui ensino de qualidade, compromisso com a sociedade e com a reprodução e disseminação de conhecimento.<sup>20</sup>

Se por um lado o editorial anterior tem característica de rememoração, o editorial do ano de 2007 também é emblemático, pois tece tributos àqueles que dedicaram empenho a Revista. Esforço esse, sem o qual a Revista GUAIRACÁ não poderia cumprir “[...] seus desígnios no sentido de divulgar importante parte da produção científica da UNICENTRO e de outras instituições, pois a saga continua...”<sup>21</sup> Assim, cada editorial, a exemplo do que segue, vai revelando as concepções que regem o projeto editorial da Guairacá.

Em 2003 o título do editorial; *Co ivi guerecô iara*; recorre a certo passado indígena criando uma imagem simulacro cujo “natural da terra” adquire um lugar de destaque e, ao ser apresentado, catalisa mutuamente culturas que sugere a produção de “uma forma de consciência eurocentrada”. Com efeito, esse projeto logo se desdobra de acordo com a expansão européia, e suas estratégias messiânicas, como podemos constatar na Carta Régia de 1908. As expedições de conquista aos campos de Guarapuava (assim foram chamadas) começaram a percorrer os sertões meridionais da antiga Comarca de São Paulo cumprindo fervorosamente com as tarefas classificatórias. Para Pratt, assim como a conversão religiosa foi o impulso da primeira fase da expansão européia, protagonizada pela Europa do Sul, a história põe em funcionamento uma nova lógica onde a Europa do Norte será predominante. Destaca Pratt, “e o que se conta é uma história de europeus que se urbanizam e se industrializam e ao mesmo tempo se

---

<sup>20</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 2006 -

<sup>21</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 2007 -

lançam pelo mundo na procura de relações de não exploração com a natureza, ainda que a estejam destruindo nos seus centros de poder<sup>22</sup>.

Nessa mesma direção, o periódico, proclama:

“A revista Guairacá, criada em 1982 sobre a marca do Índio Pahy, tem em sua figura lendária de conquistador, que permitiu a colonização dos campos gerais de Guarapuava, a inspiração para a ampliação e disseminação dos conhecimentos.”<sup>23</sup>

A memória, os apelos imagéticos a certa idade do ouro, os tributos àqueles que têm se dedicado ao progresso da Instituição, as comemorações em torno dos avanços alcançados, a superação das dificuldades, a responsabilidade social e com a comunidade, e por fim, a caminhada pela consolidação. Em seu conjunto, esses adjetivos compõem de forma romantizada capítulos de certa saga, tal como exposta no editorial do ano de 2003. Narrada nos editoriais, a história da Instituição adquire nuances simbólicas<sup>24</sup> e um conteúdo que romantiza a trajetória da Universidade, assim sendo, demonstra que possui seus pilares encravados no regionalismo. Essas constatações nos levam a inferir que em essência, o referido periódico, não ultrapassa as fronteiras do discurso de região, tal como propõe Bourdieu.<sup>25</sup> Outro indicativo dessa

---

<sup>22</sup> Em tempo: o livro de Mary Louise Pratt, *Ojos Imperiales: Literatura de viajes y Transculturación*, constitui como *corpus* narrativo aquele dos viajantes no espaço geográfico da África e Hispano-américa, interrogando a relação que os textos adquirem com a produção de sentidos sobre e para “resto do mundo” para os leitores metropolitanos. Este tema se desdobra em outros dois: essas narrativas formando o predicado essencial de práticas significantes, orientadas para a formação de uma identidade metropolitana e também criando o referencial onde se daria o processo de autoformação de outras identidades. O que nos levou a pensar que o Periódico assume a função de monumentalizar uma cultura que se viu subordinada mas que é re-apresentada em uma imagem (estampada na capa da revista) totalmente incorporada aos modelos significantes da cultura que passa a deter a hegemonia da terra. Sugere-se com isso, que a experiência histórica das populações tradicionais, acaba por produzir conteúdos e significações radicalmente novas. Em outras palavras: de guerreiros ávidos pela manutenção de seu mundo a legitimadores das atitudes dos invasores. Um tema atraente à espera de uma pesquisa mais aprofundada. Mary Pratt (1997).

<sup>23</sup> Revista Guairacá. UNICENTRO, 2003 -

<sup>24</sup> Verbete Símbolo "O termo símbolo envolve sempre a idéia de uma reunião entre sentido e uma imagem, a reunião de um aspecto "vivenciado" (o sentido; dimensão noológica) com um componente "espacial" (a imagem). Assim, o símbolo é ligação, derivado do alemão Sinn - Bild, em cuja composição etimológica entram sinn (sentido), que se refere ao engendramento da significação (o que remete ao domínio idiográfico cultural) e bild (forma), que se relaciona com as constantes, as formas estruturantes[...]". In: COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. 3ª ed. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2004. p.252.

<sup>25</sup> “O discurso regionalista é um discurso *performativo*, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e de dar a conhecer e fazer reconhecer a região assim delimitada – e, como tal, desconhecida – contra a definição dominante, portanto, reconhecida e legítima, que a ignora. Cf.;

questão é o título do periódico, *Revista Guairacá*, nomenclatura essa, que remete a um personagem propalado herói que teria atuado junto aos portugueses no empreendimento de reafirmação da conquista de suas terras tradicionais diante dos espanhóis no século XVIII. Adentrar no amplo universo de invenção do personagem, mesmo que sucintamente é uma necessidade a fim de que possamos estabelecer a intertextualidade entre os sentidos de pertencimento a uma terra conquistada por sesmeiros e o discurso acerca da atuação indígena, cuja imagem tem um lugar de destaque na capa do periódico.

Um exemplo da longevidade de uma visão de região nascida das majestosas fazendas avalizadas pelo Documento Régio foi o recém lançado livro de um agromemorialista local. Trata-se do 17º livro do autor denominado “Soberbas Fazendas de Nosso Rincão”. O lançamento ocorreu regado a homenagens e louros em 18 de março desse ano no espaço do anfiteatro do Sindicato Rural de Guarapuava. O eixo que rege a disseminação de suas verdades segue a linha interpretativa de que a colonização daquelas terras ocorreu mediante batalhas travadas contra invasores indígenas, sobretudo, o grupo kaingang.<sup>26</sup>

Na ocasião do lançamento o autor lança mão de falas de seus pares, as quais que me autorizo a denominar pesquisadores regionalistas.

Narram dezenas de pesquisadores de nossa história pátria que no fragor das batalhas travadas contra os seus inimigos invasores, Guairacá (cacique da tribo que habitava a região), ostentando a cabeça vistoso penacho multicolor, dorso nu, bronzeado, porte sombranceiro de olímpica visão, medieval guerreiro, apoiando o joelho no chão, retestando o ardo e desferindo velozes e mortíferas flechas, fazia ecoar seu vibrante brado de guerra: ‘*co iivi oguerecó yara*’ ou seja, esta terra tem dono”. Nesse ato comemorativo, estiveram presentes integrantes da Academia de Letras, Ciências e Artes (Alac) de Guarapuava e também do recém nascido Instituto Histórico e Geográfico de Guarapuava. Por sua vez, a capa da Revista Guairacá expõe alegoricamente a imagem alegórica de um indígena em primeiro

---

BOURDIEU, P. A identidade e a representação elementos para uma reflexão crítica para a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 6ª edição. Bertrand. p. 116

<sup>26</sup> A obra se apresenta como um esforço para manter a longevidade do panteão cívico criado para explicar certa sociedade original e civilizada. Por certo que para nós historiadores de ofício é uma fonte rica para a compreensão das marcas identitárias sobre um mundo rural que se viu visto e reconhecido como tal. Cabe destacar que a obra é parte de um esforço político municipal para comemorar os supostos 200 anos de história de Guarapuava e, assim como outras que foram lançadas, também contam com o apoio da Municipalidade que tratou de instituir uma Comissão específica para levar a frente tais intentos.

plano, e ao lado, a sua esquerda, um lobo. Ambos os personagens, - o índio e o lobo, - lançam olhares para o horizonte em uma postura nitidamente bélica que sugere a defesa de um território.<sup>27</sup>

Genericamente, Guairacá teria sido um Cacique que lutou junto aos portugueses contra a invasão de espanhóis nas terras de Guairá. Nesse embate, o referido cacique teria proferido: *Esta terra tem dono!*

A produção historiográfica carece de reflexões em torno das imagens que povoam *Guairacá* e suas ações junto a conquista portuguesa sobre estas terras. Quer seja tecendo uma discussão em torno das tramas da conquista daquele território envolvendo alianças políticas entre portugueses e indígenas, quer seja relativa aos enfrentamentos entre os dois grupos, o que permanece é uma visão de história como sucessão de eventos. A Revista adquire, então, um estatuto de lugar de memória para personagens e seus feitos que ao serem cultuados são absorvidos pela sociedade instaurando-se como verdade. *Esta terra tem dono!* Tal exclamação, supostamente proferida pela autoridade indígena, legitima o projeto de conquista dos domínios territoriais portugueses dos Campos de Guarapuava, - *Coranbang-Rê*, - nos séculos XVIII e XIX.

É fato que o discurso selvagem tecido sobre as populações tradicionais endossa o processo de conquista europeia portuguesa sobre as terras indígenas. A mensagem: *esta terra tem dono*, encontra apoio no texto de Romário Martins, sujeito cuja trajetória intelectual o fez reconhecido como mediador simbólico de uma certa identidade regionalista paranaense no decorrer década de 1930.<sup>28</sup>

Guairacá [...] era o cacique intrépido, o defensor formidável da sua raça e da sua terra, que se estendiam do Paranapanema ao baixo Iguazu e do vale do Tibagi à margem oriental do Paraná. As expedições que visavam a conquista dessa imensurável região, da parte dos castelhanos dominadores dos rios da Prata e

<sup>27</sup> A capa foi idealizada por José Andrade Vigil, sendo que a imagem da capa se trata do monumento localizado na Avenida Manoel Ribas, no município de Guarapuava. O monumento - Cacique Guairacá - foi inaugurado em 16 de abril de 1978 pelo então deputado Antônio Lustosa de Oliveira e pelo prefeito da época Cândido Pacheco. O financiamento teve apoio diversas associações comunitárias do município, como: o Rotary Club, o Lions e a Associação Comercial e Industrial.

<sup>28</sup> Em 1937 toma a frente um projeto que visava a edificação de um símbolo para a nação através do Movimento Nacional Pró Monumento a Guairacá. O esforço pautava-se no reconhecimento do personagem indígena Guairacá como defensor legítimo nacional com a construção de uma estátua no coração do Brasil. Apesar da realização de um concurso para a escolha do escultor, o monumento não foi construído. A má utilização das doações, críticas à imagem de Guairacá, dentre outras questões são apontadas por Souza (2002).

Paraguai, todas tiveram que defrontar o valor guerreiro de Guairacá com os seus milhares de arcos vencedores. Sucedeu-o no comando dos povos cacicados, outro guerreiro formidável, - Mbiassá, grande entre os grandes capitães desse agitado momento da América Selvagem. Mbiassá deu a dilatada região o nome glorioso do herói ameríndio que nela rechaçara todas as tentativas de domínio estranho, e que, mesmo morto, a influência da sua memória manteve assim, ardente e vivo, o ideal de liberdade nas almas sonhadoras dos guaranis. E por muitos anos o nome de Guairacá, abreviado para Guairá pelos castelhanos e portugueses [...] <sup>29</sup>

Esta publicação foi considerada marco do “Movimento Pró-Monumento a Guairacá”, sendo fomentado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná em 1939, suas três edições sustentam as representações sociais indígenas contidas na *Revista Guairacá*, publicada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, revista que serve de escopo às análises. Essa questão é reveladora da persistência de uma simbologia de nação preocupada com a soberania de um povo. Por sua vez, o editorial número 19 de 2003, intitulado *Co ivi guerecô iara*, endossa as constatações tecidas anteriormente na medida em que argumenta: “A revista Guairacá, criada em 1982 sobre a marca do Índio Pahy, tem em sua figura lendária de conquistador, que permitiu a colonização dos campos gerais de Guarapuava, a inspiração para a ampliação e disseminação dos conhecimentos.” No texto o personagem indígena denominado Pahy, líder do grupo Camés é colocado em evidência, o referido grupo teria agido em prol dos espanhóis. Contudo, na medida em que o editorial enfatiza Pahy como defensor. Constata-se assim, um conflito nas informações. Na edição número 23 do referido periódico Institucional datado de 2007, por exemplo, o autor recorda, as origens do Periódico:

GUAIRACÁ, em homenagem ao cacique dos índios que habitavam essas paragens e, remotamente, haviam-nas defendido com tenacidade. Mais que regional, um nome local, escolhido para divulgar a produção da comunidade universitária que, na ocasião, representava o espírito científico da FAFIG. <sup>30</sup>

Independente de querelas, para a análise proposta, o que chama a atenção é que estamos diante de um discurso de região que impõe, por um lado, uma versão de mundo

---

<sup>29</sup> MARTINS, 1941, p. 163. Apud SOUZA, 2002 p. 103-104.

<sup>30</sup> REVISTA GUAIRACÁ. UNICENTRO, 2007 -

como um dado legítimo, mas que também por outro, funciona como legitimador para versões já existentes. Nessa criação de região o personagem indígena é vinculado a sentimentos de orgulho pela terra. O indígena é co-participante do processo de expulsão de seus pares. Esvazia-se a presença de alianças e de poderes, bem como se retifica o sentido civilizador do português junto ao processo de (re)ocupação do território naquela conjuntura.

Cabe destacarmos que a imagem indígena militarizada insere-se no interior de várias propostas identitárias incidida em meios intelectuais brasileiros e, nesse caso, em especial, paranaenses. No Paraná, os símbolos identitários podem ser vinculados aos movimentos Simbolista e Paranista. Genericamente os paranistas teriam se destacado a partir da década de 1920 em função da exaltação da terra, tecendo, de forma não homogênea, atividades voltadas para integração da sociedade paranaense. Os simbolistas, por sua vez, em fins do século XIX, caracterizados pela coesão, teriam promovido as primeiras discussões acerca dos caminhos da recém-criada Província, no conjunto da nacionalidade.<sup>31</sup> Ambos, porém, tecerão formas diferentes traçar identidades. Convém ressaltar que o século XIX deu amplo destaque a difusão representações indígenas como aliados, [heroicizado]. Apresentado muitas vezes com trajes atípicos que lembram vagamente os trajes utilizados no período da Antiguidade na civilização ocidental. Tal representação é uma forma de uma expressão identitária, entretanto não é única no contexto destacado acima; contudo adquire força de legitimidade ao se materializar na imagem-capa da referida Revista. E, aos olhos de quem observa o monumento o que vê são atributos de força e coragem de indígenas aliados (lê-se civilizador) em defesa da sua terra portuguesa.

Por fim, segundo os apelos da tradição, as representações sociais em torno da defesa das terras do *Guairá* teriam ocorrido com a participação do Cacique Guairacá. No entanto, conforme analisa Brum (2007) existe um personagem no Rio Grande do Sul ao qual também são tecidas representações sociais, se trata do Cacique Sepé Tiarajú. O primeiro teria defendido as suas terras (entende-se como espanholas) contra os portugueses, assumindo uma postura própria aquela do propalado Cacique Guairacá que teria lutado contra os espanhóis (unido aos portugueses em defesa daquelas terras). Aliás, ambos teriam proferido a frase *Esta terra tem dono*. Nessa dicotomia entre os caciques

---

<sup>31</sup> Cf: SOUZA, 2002.

Sepé Tiarajú e Guairacá, evoca-se a oposição indígena ao colonialismo ao mesmo tempo em que revela como potências ibéricas eram tratadas. Ou seja, uma luta teria sido travada entre impérios, já que Guairacá e Sepé Tiaraju são simbolizados como gerais<sup>32</sup>. Contudo a imagem de Guairacá tece assim, o duplo discurso: o espanhol é o invasor de terras legitimamente portuguesas, os indígenas são habitantes dessas terras e confirmam a posse portuguesa. Deslegitima-se assim a posse do território por parte de suas populações tradicionais e também por parte dos espanhóis. Essas idéias, assim delineadas, escamoteiam os sentidos da presença portuguesa no território, o qual, para além de reforçar a idéia de vazio demográfico, delega aos povos indígenas, a representação social de legitimadores daquela presença.

Aplicando a teoria proposta por Bourdieu, podemos considerar que a representação da estética indígena, presente na documentação que analisamos constituir-se como um bem simbólico. A Revista Guairacá consiste, portanto, em um lugar de revelação de um objeto significativo: a imagem corporal indígena. Essa última, na medida em que é uma representação que carrega valores, é legitimada pelo impresso. Tal periódico, como já destacado anteriormente, consiste em um porta voz autorizado da Instituição e assim, os gestores, através desse impresso, endossam a revelação, declarando que o mito existe. O periódico, e o grupo que ele significa, apresenta-se como um poderoso mecanismo de consagração social de verdades permeado de sentimentos acerca de um espaço-região nascido do latifúndio campeiro. Por conseguinte, o sentimento regionalista, ou o discurso performativo de região, é realimentado a cada tiragem da Revista: temos assim, um “rito de aprovação” da crença coletiva que coloca indígenas e Portugueses em comunhão nas origens da “Freguessa de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava,” que um dia passou se chamar Guarapuava.<sup>33</sup> Ao periódico cabe a tarefa de propalar a existência social de uma

---

<sup>32</sup> Cf.: BRUM, Ceres Karam. O mito de Sepé Tiaraju: etnografia de uma comemoração. In: *Redes, Santa Cruz do Sul*, v. 12, n. 3, p. 5-20, 2007.

<sup>33</sup> Na localidade carece de movimentos sociais, agremiações de mulheres, movimentos de moradoras de periferias, lavadeiras, negras, indígenas, lésbicas, profissionais do sexo, agricultoras pobres e de meninas. A região é carente em Serviços de proteção a mulheres, tais como Defensoria Pública, Juizados Especiais de Mulheres, Centros de Referência, Casas-abrigo, Delegacias Especiais de Atendimento a Mulher, Essa situação é constrangedora. Por sua vez, aquelas mulheres que mesmo dispendo de Atendimento de Delegacias Especializadas, acabam por denunciar seus agressores, esses, via de regra, continuam morando sob o mesmo teto. Muito embora, 30% das famílias residentes no centro-oeste paranaense, sejam chefiadas por mulheres, a violência sexual e doméstica é praticada por homens, na maioria das vezes, acompanhando assim, os dados nacionais. O Regimento Interno do

Instituição de Ensino Superior e seus atributos distintivos no interior do campo ao qual pertence.

Essas análises tornam-se ainda mais valiosas quando nos deparamos com os índices sociais da Guarapuava das memórias: daquela que um dia foi conquistada, - os Campos de Guarapuava, - a medida que tomamos conhecimento dos indicadores de Desenvolvimento Humano, (IDH). Já dissemos anteriormente que Guarapuava nasce assentada no latifúndio de base campeira, no extrativismo madeireiro, nas guerras de conquista, na expulsão e morte indígenas e de brancos, bem como na presença de agregados, posseiros, dentre outros Homens pobres do campo. Acrescentamos a esses eventos, a escravização, expulsão de populações quilombolas. Hoje, infelizmente, a formação dos poderes local assevera reflete a realidade do campo de poder político atual o qual permanece assentado em estirpes latifundiárias, ainda que, sob uma roupagem moderna. Linhagens tradicionais alternam-se no Executivo. A cultura política tradicional assenta-se ainda em práticas simultâneas. Conforme destacado por Machado (2010) coronelismo e clientelismo (ressignificados obviamente) estão presentes sobretudo nos distritos e faxinais, áreas consideradas adjacentes. Podemos corroborar essa questão recorrendo as análises entabuladas por Silva (2010). Segundo a pesquisadora, o cenário político guarapuavano, carrega ainda o peso de linhagens que regem a Municipalidade (podemos perceber esse dado quando recorremos a genealogia do poder político instaurado na Província do Paraná em 1853)<sup>34</sup>.

Na análise, tal elite campeira configura um grupo de grandes proprietários que se alteram politicamente naquela localidade. Estamos, diante de uma visão idílica de um

---

CMDM de Guarapuava foi criado em agosto de 2007, após a campanha que realizamos nessa localidade cobrando políticas públicas para as mulheres e questionando porque o referido Município não havia aderido ao Plano Nacional. Aumentar a escala de abordagem dá a possibilidade não só de tecermos um diagnóstico regional, um mapa cultural da violência doméstica e familiar, das representações que permeiam esse universo, quadros sinóticos da atuação dos Conselhos Municipais da Mulher quanto ao seu trabalho, mas também dá a possibilidade de mudar a cultura política do silêncio e da exclusão de mulheres e meninas ao acesso aos Serviços citados e participação nas políticas públicas no âmbito de seu Município.

<sup>34</sup> Para Tembil (2007, p.132), “a presença de herdeiros da tradicional sociedade campeira fez-se sentir durante grande parte da vida política da cidade”. O discurso do enaltecimento dos primeiros povoadores é legitimador dessa ordem das coisas, pois dá a entender que a “elite campeira” é que deve assumir as posições do mando político”. Compartilhando do conceito utilizado por Leal e Lima Sobrinho (LIMA SOBRINHO, 1997.p.13). O título de coronel originário da Guarda Nacional, “[...] foi instalada em Guarapuava em 1838, [...] A patente de coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependia do prestígio econômico ou social do titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais.

passado duradouro. A célebre colocação já analisada por Roberto Da Matta: Você sabe com quem está falando? É uma pergunta que persiste na cultura política daquela localidade. A política cultura política local busca manter vivos os laços com a tradição inventada quando do nascimento daquele mundo rural. Desses significados de região nos deparamos com uma leitura possível da história territorial da nação. Práticas sociais indissociadas de representações discursivas tais como os discursos fundadores apregoados por Orlandi o qual carrega pertencimento e tradições (1993).<sup>35</sup> Preocupações político-institucionais ainda referendados pela literatura agromemorialista são abrigadas por parcela da sociedade, porém devemos lembrar que a criação só é dada pelo conjunto de ações que permeiam o conteúdo de projetos políticos, da produção histórica, da forma como os indivíduos reconhecem e fazem reconhecer a existência do lugar que habitam sendo eles estabelecidos ou um *outsider*.

#### Bibliografia:

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação elementos para uma reflexão crítica para a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 6ª edição. Bertrand.

\_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*. O que falar quer dizer. 2 ed. São Paulo: USP, 1998.

BRUM, Ceres Karam. O mito de Sepé Tiaraju: etnografia de uma comemoração. In: *Redes, Santa Cruz do Sul*, v. 12, n. 3, p. 5-20, 2007.

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. 3ª ed. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 2004.

FREITAG, Liliane da Costa. *Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re)ocupação*. 209f. (Tese de doutorado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP. Franca, 2007.

LANGER, Protasio Paulo. *O conhecimento e encobrimento: o discurso historiográfico sobre a colonização brasileira e as alteridades étnicas no sudoeste paranaense*. Disponível em: <http://www.dialogos.uem.br/include/getdoc.php?i d = 1094 &article =446&mode=pdf>. Acesso em 20/03/2009.

---

<sup>35</sup> Muito embora concordando com Marc Bloch a respeito das críticas tecidas em torno das origens e suas limitações na compreensão dos processos, o ponto de origem e sua importância segundo postulados de Orlandi (1993) nos permitem reconhecer a importância que os termos discursos adquirem na compreensão da história territorial da nação. Em especial, os discursos fundadores afirmam um ponto de origem. Uma ascendência que cria tradição e pertencimentos. Homilias que constroem passados precisos e empuxam futuro, são como enunciados que retumbam e reverberam efeitos na construção cotidiana dos laços sociais, nas identidades históricas: discurso onde às imagens enunciativas possuem grande eficácia na construção do real assim como as demonstrações empíricas da conquista da terra.